

**TORCIDA ÚNICA NOS CLÁSSICOS PAULISTAS DE FUTEBOL:
COBERTURA DA MÍDIA E EFEITOS NO PÚBLICO E NAS RECEITAS DE BILHETERIA**Ivan Furegato Moraes¹, Flávia da Cunha Bastos¹
Ary José Rocco Junior¹**RESUMO**

A violência no futebol, existente desde seus primórdios, persiste, principalmente entre os torcedores, apesar da profissionalização e mercantilização da modalidade. No Brasil, esse problema é crescente, com destaque aos conflitos ocorridos em São Paulo em 2016. Em resposta, autoridades decretaram medidas restritivas destacando-se a proibição de torcida visitante nos jogos entre as quatro principais equipes paulistas. A partir desse contexto a pesquisa objetivou evidenciar como a mídia abordou tal determinação e qual foi, após um ano, o seu efeito no público e nas receitas de bilheteria dos clubes. A análise da cobertura da mídia foi baseada no conteúdo publicado pela Folha de S. Paulo e pelo O Estado de S. Paulo no momento da decretação da medida e após um ano, com o material analisado pela Análise de Conteúdo. Sobre o público e a arrecadação, foi realizada uma análise documental e comparativa dos borderôs dos clássicos paulistas realizados no Campeonato Paulista de 2016 e 2017 e no Campeonato Brasileiro de 2015 e 2016 com foco no público total e visitante; na renda bruta geral e visitante; e no valor médio dos ingressos. Grande parte do material analisado era informativo, os principais personagens retratados foram representantes dos clubes, autoridades e especialistas e o conteúdo era majoritariamente contrário à medida, sendo verificado um aumento no público total e um saldo financeiro positivo. A pesquisa concluiu que, apesar dos jornais analisados terem sido contrários, a proibição de torcida visitante nos clássicos paulistas colaborou para o aumento de público e da renda dos clubes envolvidos.

Palavras-chave: Futebol, Gestão do Esporte. Jornalismo Esportivo.

1-Escola de Educação Física e Esporte (EEFE), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil.

E-mails dos autores:
ifuregato@gmail.com
flaviacb@usp.br
aryrocco@usp.br

ABSTRACT

One team only's fans at São Paulo's football classics matches: media coverage and effects at public and in ticket office revenues

Violence in football, which existed since its beginnings, persists, especially among fans, despite its professionalization and commercialization. In Brazil, this problem has been increasing, with emphasis on the conflicts that occurred in São Paulo in 2016. In response, authorities decreed restrictive measures, especially the prohibition of away fans in matches between the four main teams of the state of São Paulo. From this context, the research aimed to show how the media approached this determination and what was the effect of it, after one year, on the public and on ticket office revenue of the affected clubs. The analysis of the media coverage was based on the content published by Folha de S. Paulo and O Estado de S. Paulo at the moment of the decree and after one year, with the material analyzed by Content Analysis. About the public and the tickets' revenue, a documentary and comparative analysis of the financial reports of the São Paulo's classics games held in the São Paulo Championship of 2016 and 2017 and in the Brazilian Championship of 2015 and 2016 was carried out, focused on the total and away public; on general and away gross income; and on the average value of the tickets. Most of the material analyzed was informative, the main characters portrayed were representatives of the clubs, authorities, and experts, and the content was largely contrary to the measure, with an increase in the total audience and a positive financial balance. The research concluded that, although the newspapers analyzed were contrary, the ban of away fans in the São Paulo's classics games contributed to the increase in the public and income of the clubs involved.

Key words: Football. Sport management. Sport journalism.

INTRODUÇÃO

O futebol como modalidade moderna e sistematizada é originário da Inglaterra Vitoriana do século XIX onde, a partir da prática em colégios e universidades, foi regulamentado. Os objetivos da regulamentação foram possibilitar uniformidade das regras, facilitar as disputas entre os colégios e a consequente criação de campeonatos, além de controlar a violência, até então presença constante e que contribuía para limitar as disputas e a disseminação do futebol na sociedade (Freitas e Vieira, 2006; Magalhães, 2004).

Desde a introdução do futebol no Brasil no final do século XIX ele conquistou espaço na sociedade (Santos Neto, 2002), processo acelerado na década de 1930 quando, principalmente devido ao apoio governamental e a cobertura radiofônica, se popularizou e tornou a principal forma de lazer da população, seja como praticante ou como espectadora (Franzini, 2003; Mascarenhas, 2014).

A relevância dada pela população a modalidade, além de torná-lo o principal esporte nacional, fez com que o mesmo adquirisse um significado mais amplo, sendo uma constante na rotina diária do país, um traço da personalidade nacional e um dos símbolos que representam o Brasil no exterior (Damatta, 2006; Guterman, 2009).

Em conjunto ao desenvolvimento do futebol é observada a presença constante da violência na modalidade (Mendes Júnior e Chiapeta, 2007) que, apesar de ser um elemento intrínseco, foi sendo controlada em grande parte dos países onde ele se desenvolveu tanto dentro como fora de campo (Freitas e Vieira, 2006; Mascarenhas, 2014; Rodrigues, 2003; Santos Neto, 2002).

No Brasil, a violência futebolística relaciona-se menos com o jogo e mais com o público, principalmente com os membros das torcidas organizadas, grupos de torcedores que se reúnem para torcer para determinado clube de forma organizada e que surgiram na década de 1970 e 1980 (Murad, 2012; 2013; 2017).

É verificado um aumento crescente da violência envolvendo torcedores no país desde a década de 1990, com ampliação no número de brigas e, principalmente, de assassinatos, sendo registradas, entre 1999 e 2008, 42 mortes em brigas de torcidas (Murad, 2013; 2017).

Portinari (2016) complementa indicando que entre 2010 e 2016 a situação se agravou, com 113 pessoas mortas em confrontos envolvendo torcedores organizados.

Murad (2017), buscando explicações para o aumento da violência, indica que ela é reflexo dos diversos problemas sociais existentes no Brasil, em especial a desigualdade social e o tráfico de drogas, com o futebol se tornando um pano de fundo e um local para os conflitos motivados por esses fatores, de forma que a violência não é fundamentalmente do futebol, mas no futebol, tornado o problema e a sua solução mais complexos por envolver questões não esportivas.

Em paralelo, desde a década de 1990 o futebol vive um processo no qual ele deixa de ser um mero divertimento e se transforma em uma forma de entretenimento altamente lucrativa devido à quantidade de pessoas impactadas, atraindo a mídia e patrocinadores que investem na modalidade visando atingir o público dos jogos e, principalmente, o crescente número de espectadores televisivos (Grellet, 2002; Gurgel, 2008; Rocco Júnior, 2012; Zenone, 2014).

Assim, a modalidade passa a ser tratada como um produto da Indústria do Entretenimento, indústria cada vez mais relevante na sociedade contemporânea que, devido aos avanços tecnológicos, passou a contar com diversas opções concorrentes que disputam a preferência das pessoas que buscam lazer e diversão (Kaser e Oelkers, 2014; Marin, 2009).

Com mais opções, o torcedor tornou-se mais exigente quanto a qualidade do serviço que lhe é oferecido no momento de lazer (Marin, 2009), fato que atinge diretamente o futebol brasileiro que, ao não acompanhar tais mudanças na sociedade, acaba por perder gradativamente público nos estádios (Mascarenhas, 2014).

Ao estudar o comportamento do torcedor brasileiro que frequentou os estádios/arenas do país em três momentos distintos (antes, durante e após a Copa do Mundo de 2014), Mazzei e Rocco Júnior (2017) apontaram que nos três períodos o principal motivo que afastou o público é a violência gerada pelas brigas entre as torcidas organizadas. Tais achados reforçam o entendimento de que os crescentes conflitos afetam diretamente a quantidade de torcedores que frequentam os estádios/arenas

e, conseqüentemente, os clubes, que sofrem com a diminuição de uma das suas principais fontes de renda: a bilheteria dos jogos (Somoggi, 2017).

Destaque ainda para o fato da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), por meio do Artigo 86 do Regulamento Geral de Competições, determinar que o máximo de ingressos destinados à torcida visitante nas competições por ela organizadas é de 10% da capacidade total de público do estádio (Confederação Brasileira de Futebol, 2016), de forma que não é mais possível que as torcidas das duas equipes dividam o estádio como ocorria até a década de 1990 (Mascarenhas, 2014).

Nesse contexto de agravamento da violência entre torcedores ganhou evidência os conflitos ocorridos em três de abril de 2016, dia em que foi realizada uma partida entre o Sport Club Corinthians Paulista e a Sociedade Esportiva Palmeiras válida pelo Campeonato Paulista (Paulistão). Nessa data ocorreram quatro grandes brigas na região metropolitana de São Paulo, três antes do jogo e uma após o final da partida, com um total de 56 pessoas detidas. O caso mais grave ocorreu no bairro de São Miguel Paulista, onde torcedores organizados das duas equipes se enfrentaram em uma praça o que resultou no assassinato de uma pessoa que passava pelo local e que não participava do conflito (Campos, 2016; Mattoso, 2016).

Em resposta, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP/SP), no dia seguinte aos conflitos e após reunião com representantes da Federação Paulista de Futebol (FPF), do Ministério Público Estadual, do Poder Judiciário, da Polícia Militar e da Polícia Civil, determinou, de forma inédita, a proibição da presença de torcedores da equipe visitante/adversária nos jogos disputados entre as quatro principais equipes do estado (Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo) (Nascimento, 2016), jogos esses conhecidos como clássicos devido à tradição e a rivalidade entre as equipes e as torcidas (Mascarenhas, 2014).

Também foi proibido que os clubes cedessem ingressos gratuitamente as torcidas organizadas e estas foram impedidas de levar aos jogos adereços que as identificassem como camisetas, bandeiras, faixas e instrumentos musicais (Nascimento, 2016). As determinações da SSP/SP, válidas inicialmente até 31 de dezembro de 2016, visavam impedir que as torcidas se

encontrassem a caminho dos estádios, evitando brigas entre torcedores rivais e permitindo a diminuição do policiamento ao redor dos estádios de forma que fosse aumentado o efetivo policial no restante da cidade para evitar conflitos em regiões distantes dos locais da partida, onde mais estavam ocorrendo os tumultos (Mattoso, 2016; Nascimento, 2016).

Apesar das críticas dos torcedores organizados, dos clubes, da FPF e dos especialistas em violência no futebol, a proibição da presença de torcedores visitantes nos clássicos foi mantida em 2017 (Paneghine, 2016). Quando a medida completou um ano de vigência representantes da SSP/SP e do Ministério Público Estadual apontaram que, segundo dados da Polícia Militar, no ano anterior à proibição foram registradas seis brigas de torcedores. Já no ano em que a medida vigorou não houve registros de incidentes, além da média de público nos clássicos ter aumentado 38%, fatos que justificavam a continuidade da medida (Rodrigues, 2017).

A partir do contexto apresentado o objetivo desta pesquisa foi evidenciar como a mídia abordou a determinação que proibiu a presença de torcida visitante nos clássicos disputados entre as principais equipes de futebol do Estado de São Paulo e qual foi, após um ano, o efeito da mesma no público dessas partidas e nas receitas de bilheteria dos clubes afetados pela medida.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para que os objetivos da pesquisa fossem atingidos a sua realização foi estruturada em duas fases: (i) análise da cobertura realizada pela mídia sobre a proibição de torcida visitante nos clássicos paulistas e (ii) análise do público presente nos clássicos e da arrecadação dos clubes nesses jogos.

Cobertura da mídia

A análise da cobertura da mídia foi realizada com base no material publicado por dois jornais: a Folha de S. Paulo (Folha) e o O Estado de S. Paulo (Estadão), sendo ele os de maior circulação no estado de São Paulo (Associação Nacional de Jornais, S.D.). A opção por jornais se justifica porque eles, além de divulgarem notícias factuais, dedicam vasto espaço a análises mais amplas e opinativas

dos fatos, ampliando a discussão sobre os temas. Já a opção por jornais generalistas que possuem cobertura esportiva e não por jornais exclusivamente esportivos ocorreu devido ao fato de o tema da pesquisa abranger não apenas o Esporte, mas outros setores da sociedade como a segurança pública.

O material analisado foi composto por todo o conteúdo referente ao tema publicado tanto na versão imprensa como na on-line dos dois jornais analisados durante dois períodos específicos: (i) durante a semana seguinte à decretação da medida, entre os dias quatro e 11 de abril de 2016; e (ii) entre a reunião das autoridades que avaliou o primeiro ano da medida e a final do Campeonato Paulista de 2017, ou seja, entre 29 de março e sete de maio de 2017.

O material recolhido foi analisado por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2013) conforme as etapas apontadas por Moraes (1999). As categorias de análise foram semânticas (Bardin, 2013) e definidas a priori com base no Manual de Comunicação da Secretaria Especial de Comunicação Social do Governo Federal (Brasil, S.D.) e no trabalho de Aldé (2003), sendo utilizadas três categorias:

- i. Gênero do conteúdo: informativo ou opinativo;
- ii. Personagens e/ou instituições ouvidas/retratadas no conteúdo informativo;
- iii. Valência do conteúdo, no qual é exposto a visão do produtor do conteúdo (Aldé, 2003; Miguel, 2015), que pode ser favorável, com termos favoráveis a medida; desfavorável, com uso de termos depreciativos e ataques a proibição; ou neutro, que se restringi a fornecer a informação sem apresentar qualquer avaliação/julgamento (Sanglard, 2012).

Público e arrecadação dos jogos

A análise da presença de público nos estádios/arenas e da arrecadação dos jogos foi realizada por meio da análise documental (Veal e Darcy, 2014). Os documentos considerados foram os relatórios financeiros das partidas (borderôs) elaborados pelos clubes com a supervisão e aval da FPF e

obtidos por meio do site oficial da entidade (Federação Paulista de Futebol, S.D.).

As seguintes informações foram extraídas dos borderôs: público total; público visitante; renda bruta; renda bruta oriunda da torcida visitante; e valor médio do ingresso, calculando pelos pesquisadores a partir da renda bruta e do público total das partidas.

Foram analisadas todas as partidas oficiais realizadas entre as quatro principais equipes de São Paulo (Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo) em todos os campeonatos disputados pelas mesmas em dois períodos: (i) o primeiro ano em que a proibição de torcida visitante vigorou, entre quatro de abril de 2016 e quatro de abril de 2017 e (ii) o ano anterior a medida, entre quatro de abril de 2015 e três de abril de 2016. As informações coletadas foram analisadas por meio da comparação direta (Gil, 2002) entre os dados dos dois períodos e os resultados expostos por meio da estatística descritiva (Farias e Laurencel, 2006).

RESULTADOS

Cobertura da mídia

Ao buscarmos o material publicado pela Folha de S. Paulo e pelo O Estado de S. Paulo sobre a proibição de torcida visitante nos clássicos paulistas foram localizadas 46 notícias, reportagens e artigos sobre o tema nos dois períodos pesquisados. No primeiro período (entre quatro e 11 de abril de 2016) foram localizadas 17 publicações na Folha e 19 no Estadão. Já no segundo período (entre 29 de março e sete de maio de 2017) foram identificados dois artigos/notícias na Folha e oito no Estadão. O material coletado foi organizado e analisado com base nas três categorias de análise (gênero, personagens e valência do conteúdo).

(i) Gênero do conteúdo

Nessa categoria as publicações foram classificadas por veículo e em informativas ou opinativas. Ao todo foram identificadas 29 publicações informativas entre notícias e reportagens e 17 conteúdos opinativos entre artigos de colonistas, cartas do leitor e editorial (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição dos tipos de publicação.

	1º Período Folha	1º Período Estádio	2º Período Folha	2º Período Estádio
Informativo	11	12	2	4
Opinativo	8	5	0	4
Total	19	17	2	8

Os dados revelam que ambos jornais tiveram uma cobertura semelhante no primeiro período de análise, com a Folha publicando mais artigos. Já no segundo período, o Estádio de destaca com uma cobertura mais ampla.

Sobre o conteúdo informativo, composto por notícias e reportagens, foi verificado que na Folha o mesmo foi todo vinculado na editoria de Esporte enquanto que no Estádio também foram publicadas notícias na editoria de Cotidiano e Internacional, revelando uma cobertura mais diversificada e com abordagens de vários ângulos.

Também se destaca a quantidade de conteúdo opinativo, principalmente na Folha onde, no primeiro período de análise, foram encontrados artigos de colunistas e cartas dos

leitores: duas com opiniões dos leitores e uma com uma resposta da FPF. Nesse jornal o tema não foi abordado apenas por colunistas esportivos, mas também por colunistas de comportamento e de humor, além de um editorial. Já no Estádio, o conteúdo opinativo é, na grande maioria, de colunistas esportivos (oito artigos), com apenas uma enquete apresentando a opinião dos leitores.

(ii) Personagens e instituições ouvidas/retratadas

Essa categoria visou identificar quais personagens e instituições foram ouvidos e/ou retratados no conteúdo informativo analisado. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Personagens e instituições retratados.

	1º Período Folha	1º Período Estádio	2º Período Folha	2º Período Estádio	Total
Autoridades públicas	3	3	1	2	9
Clubes	2	5	2	2	11
Especialistas	2	3	1	0	6
Federação Paulista de Futebol	2	1	1	0	4
Torcidas organizadas	3	1	0	0	4
Vítimas da violência	0	2	0	0	2

Os personagens e instituições retratados nas notícias e reportagens foram analisados seguindo a seguinte tipologia: (i) autoridades públicas: representantes da SSP/SP, da Polícia Militar e do Ministério Público do Estado de São Paulo; (ii) clubes: presidentes e técnicos dos clubes afetados pela medida, além de representantes de diferentes estados e países; (iii) especialistas: pesquisadores da violência no futebol e ex-jogadores; (iv) Federação Paulista de Futebol: diferentes representantes da entidade; (v) torcidas organizadas: presidentes das maiores torcidas organizadas dos quatro grandes times do estado de São Paulo; e (v) vítimas da violência: familiares e conhecidos da pessoa assassinada na briga que motivou a decretação da medida em questão.

Sobre os números identificados, foi possível verificar que no primeiro período foram consultadas mais entidades e personagens, o que pode ser justificado devido ao acontecimento ainda ser recente e

estar em discussão. Foi observado que na Folha foi concedido aos diferentes personagens/instituições um espaço bastante semelhante (entre duas e três notícias/reportagem para cada), enquanto que no Estádio foram mais consultados os clubes, as autoridades e os especialistas, merecendo destaque o espaço concedido aos familiares e conhecidos da pessoa assassinada. Já no segundo período, o número de personagens/instituições abordados foi menor, com destaque para as autoridades e os clubes, com a cobertura da Folha sendo mais ampla do que a do Estádio.

(iii) Valência do conteúdo

A última categoria visou indicar a valência do conteúdo das publicações analisadas de forma a classificá-las em favoráveis, desfavoráveis ou neutras em relação à medida em questão, com os resultados expostos na Tabela 3.

Os resultados permitiram identificar que a maioria das publicações dos dois jornais, tanto as informativas como as opinativas, foram contrárias a proibição da presença de torcida visitante nos clássicos envolvendo os grandes times de São Paulo, totalizando 30 notícias/reportagens/artigos contrários (65%). Foram observadas 11 publicações favoráveis (24%) e cinco neutras (11%).

Os dados revelaram que a Folha foi mais crítica à medida, com 71% do conteúdo publicado contrário, enquanto que no Estadão evidenciam-se as publicações neutras (16%). Verifica-se ainda que no segundo período da análise, um ano após a medida, o Estadão continuou a publicar material contrário (sete publicações) enquanto que na Folha houve equilíbrio, com uma reportagem favorável e uma desfavorável.

Tabela 3 - Valência do conteúdo analisado.

	1º Período Folha	1º Período Estadão	2º Período Folha	2º Período Estadão	Total
A favor da medida	4	5	1	1	11 (24%)
Contra a medida	14	8	1	7	30 (65%)
Neutro	1	4	0	0	5 (11%)

Público e arrecadação dos jogos

No primeiro ano da medida foram realizados 19 clássicos, sendo um pelo Campeonato Paulista de 2016, 12 pelo Campeonato Brasileiro (Brasileirão) de 2016 e seis pelo Paulistão de 2017. No ano anterior foram realizados 30 clássicos, sendo 5 pelo Paulistão de 2015, um pela Copa Libertadores da América de 2015, seis pela Copa do Brasil de 2015, 12 pelo Brasileirão de 2015 e seis pelo Paulistão de 2016.

Para que a comparação fosse possível foram desconsideradas as competições que não

tiverem jogos nos dois períodos, assim, foi levado em consideração apenas o Brasileirão, com 12 jogos em cada período, e o Campeonato Paulista onde, para evitar distorções devido aos jogos decisivos, foram considerados apenas os seis jogos da primeira fase das edições de 2016 e de 2017, totalizando 18 jogos analisados por período. Os totais e a média de público por jogo das duas competições e a diferença entre os dois períodos analisados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4 - Comparação do público nos clássicos antes e depois da obrigação de torcida única.

	Público Total	Público Visitante	Média por Jogo
Paulistão 2016	111.417	6.439	18.570
Paulistão 2017	174.859	0	29.143
Diferença	+ 63.442	- 6.439	+ 10.574
Brasileirão 2015	314.466	13.448	26.206
Brasileirão 2016	382.791	0	31.899
Diferença	+ 68.325	- 13.448	+ 5.694
Diferença total	+ 131.767	- 19.887	+ 7.320

É possível verificar que tanto no Paulistão como no Brasileirão houve um aumento na quantidade de público total de forma que no geral houve um crescimento de aproximadamente 31%, com o total de crescimento dos dois campeonatos próximo (diferença de 4.883 pessoas). Ao se comparar o aumento total de público (+131.767) com o público visitante "perdido" (-19.887) é possível notar que esse saldo ainda é positivo, totalizando 111.880 pessoas, equivalendo a

um acréscimo superior ao público total do Paulistão 2016 (111.417). Também é identificado um aumento na média de público por partida de 7.320 pessoas, com destaque para o Campeonato Paulista (+10.574 pessoas por jogo).

Com relação à parte financeira, referente a arrecadação da bilheteria dos jogos, os resultados e as comparações são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Comparação dos resultados financeiros dos clássicos antes e depois da obrigação de torcida única.

	Renda Bruta Total	Renda Visitante Total	Valor Médio do Ingresso
Paulistão 2016	R\$ 5.063.371,94	R\$ 276.086,00	R\$ 45,45
Paulistão 2017	R\$ 8.005.321,54	0	R\$ 45,78
Diferença	+ R\$ 2.941.949,60	- R\$ 276.086,00	+ R\$ 0,34
Brasileirão 2015	R\$ 17.845.378,26	R\$ 950.215,00	R\$ 56,75
Brasileirão 2016	R\$ 18.444.631,76	0	R\$ 48,18
Diferença	R\$ 559.253,50	- R\$ 950.215,00	- R\$ 8,56
Diferença total	+ R\$ 3.541.203,10	- R\$ 1.226.301,00	- R\$ 6,36

A partir dos dados obtidos foi possível constatar que tanto no Paulistão como no Brasileirão houve aumento da renda bruta dos jogos, sendo que o acréscimo do Paulistão foi mais que cinco vezes o do Brasileirão, com aumento total das receitas em mais de 3,5 milhões de reais.

Ao comparar o aumento geral da renda com a perda geral causada pela ausência da torcida visitante o saldo é positivo (R\$ 2.314.901,10), equivalendo a quase duas vezes o valor perdido sem a torcida da equipe adversária. Contudo, ao se analisar detalhadamente cada campeonato pode ser observado que no Brasileirão esse saldo foi negativo em R\$ 390.961,50, demonstrando que a falta de torcida adversária, nessa competição, não foi compensada pelo aumento de público registrado, o que ocorreu, de forma expressiva, no Paulistão (saldo positivo de R\$ 2.665.863,60).

Por fim, com relação ao valor médio do preço dos ingressos foi verificado que no Paulistão houve um aumento de 2016 para 2017 de R\$ 0,34 enquanto que no Brasileirão houve uma redução de R\$ 8,56 de 2015 para 2016, ocorrendo, no geral, uma queda de 11,82% no preço médio dos ingressos no período analisado.

DISCUSSÃO

A partir dos resultados foi verificado que a média de público por partida teve um aumento de mais de sete mil pessoas, além de um crescimento total do público de aproximadamente 31% no primeiro ano da proibição da torcida visitante nos clássicos paulistas, número que se aproxima dos 38% de crescimento divulgado pelas autoridades públicas do Estado de São Paulo (Rodrigues, 2017).

As autoridades apontaram que esse crescimento foi justificado pelo aumento da sensação de segurança gerado pela medida, que também possibilitou a otimização do

patrulhamento em diversas regiões da cidade de São Paulo e de Santos, coibindo a real violência entre os torcedores (Paneghine, 2016; Rodrigues, 2017).

O uso de tal justificativa está diretamente relacionado aos dados apresentados por Mazzei e Rocco Júnior (2017) de que a segurança nos estádios/arenas e nos seus arredores e o medo das brigas entre torcedores organizados é o principal fator que afasta o público dos jogos, sendo que ficou evidenciado que quando são tomadas medidas para solucionar tal problema, ainda que paliativas (Murad, 2017) como a torcida única, o público responde rapidamente voltando a frequentar os jogos.

Sobre os reflexos financeiros da medida, foi possível constatar que ela foi benéfica aos clubes, gerando um saldo positivo quase duas vezes superior ao valor "perdido" sem as receitas oriundas da torcida visitante, que pela determinação da CBF já não pode ocupar um espaço significativo no estádio/arena (Confederação Brasileira de Futebol, 2016) o que limita a capacidade de geração de renda desses torcedores. A queda do valor médio dos ingressos no Brasileirão pode ser justificada pela crise econômica que o Brasil vivia em 2016 e que forçou os clubes a reduzirem os valores (ESPN, 2016).

Os efeitos positivos na quantidade de público e na arrecadação dos clássicos coincidem com a expectativa de aumento de receitas dos clubes retratada em notícia publicada pelo Estadão na sequência da decretação da medida (Campos e colaboradores, 2016).

Tal expectativa se relaciona com a questão já abordada sobre o efeito da violência e da sua percepção pelo público, com o possível aumento da percepção de segurança atraindo um público que se afastou dos jogos, como mulheres e crianças. Além disso, sem a torcida visitante os clubes passaram a possuir mais lugares disponíveis

nos estádios/arenas já que os espaços utilizados para a separação das torcidas rivais podem ser comercializados bem como todo o setor até então reservados aos torcedores visitantes. Dessa forma, a medida possibilitou que os clubes aumentassem as receitas, tornando a proibição benéfica para eles.

Com relação a cobertura dos jornais analisados, foi verificado que ela foi mais ampla no momento do anúncio da medida por meio de conteúdo informativo e opinativo e se revelou majoritariamente contrária a determinação. A posição inicial dos jornais revela uma indignação com os casos de violência entre os torcedores e uma cobrança por atitudes eficazes das autoridades, além da cobertura se mostrar contrária a imposição da torcida única, considerando-a uma medida paliativa, ponto em conformidade com especialistas no assunto, como Murad (2017).

Também pode ser observado que a valência negativa da cobertura inicial se baseia na visão de que o Estado é incapaz de resolver a violência entre os torcedores e em uma visão romântica e fundamentada não na realidade atual do futebol brasileiro, mas sim na existente até meados da década de 1980, período em teve início o agravamento dos conflitos entre os torcedores (Murad, 2012; 2013; 2017; Portinari, 2016), em que o futebol era sinônimo de festa e alegria entre os torcedores que frequentavam os estádios (Mascarenhas, 2014).

Assim, não é levada em consideração pelos autores do conteúdo analisado as mudanças no perfil dos torcedores brasileiros e a transformação do futebol em um produto inserido na Indústria do Entretenimento, o que gerou profundas modificações no mesmo como o processo de elitização dos frequentadores das partidas (Gurgel, 2002; Mascarenhas, 2014; Rocco Júnior, 2012).

No segundo período da análise é possível verificar que a cobertura da Folha foi mais equilibrada, o que pode ser justificado pelos resultados positivos obtidos no primeiro ano da medida (Paneghine, 2016; Rodrigues, 2017).

Contudo, o Estádio manteve a posição crítica, não considerando os aumentos de público e de renda, pontos que colaboraram com a gestão dos clubes visto que a transformação do futebol em um negócio elevou os custos das equipes que devem aperfeiçoar as suas fontes de receita para cobrir os custos e permitir que elas possuam condições de terem uma gestão

totalmente profissionalizada e que gere lucros que permitirão a melhora do produto futebol brasileiro como um todo (Grellet, 2002; Gurgel, 2002; Rocco Júnior, 2012; Zenone, 2014).

Também não são consideradas as conclusões de Murad (2017) de que os conflitos atuais não são, na maioria, do futebol e sim no futebol, refletindo amplos e graves problemas sociais brasileiros cuja solução envolver diversos setores da sociedade e não apenas os agentes esportivos, como clubes e federações.

CONCLUSÃO

A pesquisa cumpriu seu objetivo de evidenciar a cobertura dos jornais analisados sobre a proibição da presença dos torcedores da equipe visitante nos jogos entre os principais clubes do Estado de São Paulo, demonstrando que a mesma foi majoritariamente contrária a medida, apesar de ambos jornais concederem espaço para que todos os envolvidos se expressassem.

A questão foi abordada de forma informativa e opinativa não apenas na parte esportiva, demonstrando mais uma vez que o futebol e seus problemas não fazem parte, no Brasil, apenas das discussões esportivas, mas sendo temas de debates em vários setores da sociedade.

Também foi verificado que, apesar das críticas da imprensa, a imposição da torcida única contribuiu para um significativo acréscimo no número de torcedores nos clássicos paulistas, além de aumentar as receitas de bilheteria dos clubes.

Apesar de cumprir seus objetivos podemos apontar como limitações da pesquisa o fato dela ter se baseado somente em fontes secundárias de informação, sem a realização de entrevistas com representantes dos clubes, torcedores e autoridades públicas que poderiam ter contribuído expressando a visão de cada um desses grupos atingidos diretamente pela medida; e pela análise ter sido focada apenas em jornais generalistas, sem a inclusão de veículos especializados na temática esportiva.

Por fim, como sugestões de estudos futuros apontamos a continuação da pesquisa para constatar o tratamento da mídia esportiva impressa, digital e televisiva em relação ao tema e se os resultados identificados se mantiveram; averiguação do efeito gerado em cada clube afetado pela medida; verificação se outros fatores influenciaram o aumento de

público e renda identificado; averiguação se resultados semelhantes foram alcançados em outros estados que adotaram medidas semelhantes, como Minas Gerais e Bahia; e expansão da pesquisa com a inclusão das partes diretamente afetadas, especialmente os clubes e os torcedores, esses os principais consumidores do produto futebol e provavelmente os mais afetados pelos efeitos negativos da violência no futebol.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

1-Aldé, A. As eleições presidenciais de 2002 nos jornais. ALCEU. Vol. 3. Num. 6. p. 93-121. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/sptHfg>>

2-Associação Nacional De Jornais. Maiores jornais do Brasil em 2015. [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/gWkd9x>>. Acesso em: 05/06/2017.

3-Bardin, L. Análise de conteúdo. 5ª edição. Lisboa. Edições 70. 281 p. 2013.

4-Brasil. Secretaria Especial de Comunicação Social. Manual de Comunicação da Secom. [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/aLRoi2>>. Acesso em: 08/06/2017.

5-Campos, C. Clássicos em São Paulo terão torcida única até o fim de 2016. O Estado de S. Paulo. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/yQxNgn>>. Acesso em: 08/06/2017.

6-Campos, C.; Batista, D.; Marques, V. Torcida única nos estádios dará mais renda aos clubes. O Estado de S. Paulo. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/yxslB7>>. Acesso em: 08/06/2017.

7-Confederação Brasileira de Futebol. 2016. Regulamento Geral de Competições 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/nui6ly>>. Acesso em: 08/03/2018.

8-Damatta, R. A bola corre mais que os homens. Rio de Janeiro. Rocco. 211 p. 2006.

9-ESPN. A crise chegou? Preço médio do ingresso no Campeonato Brasileiro despenca. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/AFkfEV>>. Acesso em: 04/05/2018.

10-Farias, A. M. L. D.; Laurencel, L. D. C. Estatística descritiva. Rio de Janeiro, RJ. Apostila. Universidade Federal Fluminense. 128 p. 2006.

11-Federação Paulista de Futebol. Competições. [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/Gal4jm>>. Acesso em: 04/05/2018.

12-Franzini, F. Corações na ponta de chuteira: Capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro. DP&A. 96 p. 2003.

13-Freitas, A.; Vieira, S. O que é futebol?. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. COB. 123 p. 2006.

14-Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª edição. São Paulo. Atlas. 176 p. 2002.

15-Grellet, C. O marketing do futebol. In: A. C. K. Aidar; M. P. Leoncini; J. J. Oliveira (Org.), A nova gestão do futebol. 2ª edição. São Paulo. Editora FGV. 2002. p. 135-144. 2002.

16-Gurgel, A. O futebol como agente de globalização. Revista de Economia & Relações Internacionais. Vol. 6. Num. 12. p. 48-64. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/5r4QEZ>>

17-Guterman, M. O Futebol Explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo. Contexto. 270 p. 2014.

18-Kaser, K.; Oelkers, D. B. Sports and entertainment marketing. 4ª edição. Boston. South-Western. Cengage Learning. 440 p. 2014.

19-Magalhães, Á. História natural do futebol. Lisboa. Assírio & Alvim. 256 p. 2004.

20-Marin, E. C. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. Movimento. Vol. 15. Num. 2. p. 211-213. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/ckc6u7>>

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- 21-Mascarenhas, G. Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro. EdUERJ. 256 p. 2014.
- 22-Mattoso, C. Governo impõe torcida única para clássicos em São Paulo. Folha de S. Paulo. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/SJPeqG>>. Acesso em: 04/05/2018.
- 23-Mazzei, L. C.; Rocco Júnior, A. J. Um ensaio sobre a Gestão do Esporte: um momento para a sua afirmação no Brasil. Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE). Vol. 2. Num. 1. p. 96-109. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/PIHg4r>>
- 24-Mendes Júnior, F. A.; Chiapeta, S. M. S. V. A violência nos estádios de futebol: uma análise dos pontos de vista intrínseco e extrínseco. *efdeportes.com*. Vol. 12. Num. 113. p. 1-5. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/UHJmFO>>
- 25-Miguel, L. F. Quanto vale uma valência?. Revista Brasileira de Ciência Política. Num. 17. p.165-178. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/uUQqm4>>
- 26-Moraes, R. Análise de conteúdo. Revista educação. Vol. 22. Num. 37. p. 7-32. 1999.
- 27-Murad, M. A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. 2ª edição. São Paulo. Benvirá. 264 p. 2017.
- 28-Murad, M. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. Revista USP. Num. 99. p.139-152. 2013. Disponível em: <https://goo.gl/lz8xNF>
- 29-Murad, M. 2012. Para entender a violência no futebol. São Paulo. Saraiva. 212 p.
- 30-Nascimento, M. SSP, FPF, MP e Poder Judiciário definem medidas de combate à violência das torcidas organizadas. Secretaria de Segurança Pública. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/ieXWqB>>. Acesso em: 04/05/2018.
- 31-Paneghine, R. Torcida única será mantida para clássicos de futebol em 2017. Secretária de Segurança Pública. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/V9tM73>>. Acesso em: 04/05/2018.
- 32-Portinari, N. Desde 2010, 113 pessoas morreram em brigas de torcida. Folha de S. Paulo. São Paulo, 4 abr. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/FE0cwk>>. Acesso em: 04/05/2018.
- 33-Rocco Júnior, A. J. Marketing e gestão do esporte. São Paulo. Atlas. 120 p. 2012.
- 34-Rodrigues, E. Torcida única em São Paulo reduz briga e causa discórdia. Folha de S. Paulo, São Paulo. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/ocAy8T>>. Acesso em: 04/05/2018.
- 35-Rodrigues, F. X. F. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002). Porto Alegre-RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 200 p. 2003.
- 36-Sanglard, F. N. A representação da política no Jornal Nacional e a construção das identidades políticas dos jovens juiz-foranos. Juiz de Fora-MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. 147 p. 2012.
- 37-Santos Neto, J. M. D. Visão do Jogo: Primórdios do futebol no Brasil. São Paulo. Cosac & Naify, 117 p. 2002.
- 38-Somoggi, A. Entendendo as finanças dos clubes brasileiros em 2016. Lance!. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/gfBBrP>>. Acesso em: 04/05/2018.
- 39-Veal, A.; Darcy, S. Research methods in sport studies and sport management. Londres. Routledge. 584 p. 2014.
- 40-Zenone, L. C. Marketing futebol clube. São Paulo. Atlas. 142 p. 2014.
- Endereço para correspondência:
R. Itapiru, 377, apto. 52.
Saúde, São Paulo-SP, Brasil.
- Recebido para publicação em 10/10/2018
Aceito em 06/01/2019